



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL E CULTURA: UM DIÁLOGO IMPRESCINDÍVEL

Luciana Labidel dos Santos¹
Michele Oliveira dos Santos¹
Ligia Amparo da Silva Santos²
Débora Cruz Porcino³

[¹ luciana.labidel@gmail.com](mailto:luciana.labidel@gmail.com)
[¹ micheleks_santos@hotmail.com](mailto:micheleks_santos@hotmail.com)

^{1,3} Mestrandas do Programa de Pós Graduação em Alimento, Nutrição e Saúde da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia.

² Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP e Docente do Programa de Pós Graduação em Alimento, Nutrição e Saúde da Escola de Nutrição da Universidade Federal da Bahia.

^{1,2,3} Integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação e Cultura-NEPAC/ENUFBA.

Resumo

As escolhas alimentares dos sujeitos na contemporaneidade tem sido o alvo de diversas discussões, muitas relacionadas às consequências negativas na saúde, por conta principalmente das Doenças Crônicas não Transmissíveis (DCNTs). Com isso, observa-se o crescente direcionamento das ações em saúde para o enfrentamento das DCNTs através da alimentação. Sobre essa temática tem-se como marco as recomendações preconizadas pela OMS em 2004, com a Estratégia Global de Promoção da Alimentação Saudável, Atividade Física e Saúde. Para implementação de tais recomendações no Brasil o Ministério da Saúde publicou, em 2006, o Guia Alimentar para População Brasileira, que apresenta diretrizes para orientar a população quanto às escolhas alimentares e são feitas referências aos aspectos culturais por contribuírem na formação dos hábitos alimentares. Por outro lado, nós nos nutrimos também de imaginário e de significados, partilhando representações coletivas (FISCHLER,2010). Geertz (1978) afirma que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu e a cultura são essas teias. Sabe-se que o sujeito

contemporâneo, em todo momento, agrega novos valores, inclusive certa autonomia diante de si, o que reflete em sua escolha alimentar. Com tais considerações este estudo objetiva intercambiar conceitos e teorizações que fomentam a discussão sobre Alimentação Saudável no que tange a ótica da cultura. As reflexões são baseadas em estudos sócio-antropológicos sobre alimentação e cultura, tendo como pano de fundo as considerações quanto à cultura presentes no Guia Alimentar para a População Brasileira. Sobre Alimentação Saudável vislumbra-se, atualmente, uma pluralidade de informações. O entendimento sobre o tema não está totalmente construído na ciência como constata Azevedo (2008) ao afirmar que o conceito de uma dieta saudável não cabe em nenhum consenso científico. Um dos aspectos de grande relevância na interpretação conceitual sobre Alimentação Saudável pode estar relacionado ao desprezo dado à questão cultural. O setor saúde tem ciência sobre a temática como aparece em alguns trechos do Guia: *“O que se denomina alimentação saudável pode adquirir muitos significados dependendo do país ou região de um mesmo país, cultura e época”* (Brasil, 2006, p. 41). Freitas, Minayo e Fontes (2011) fazem referência a essa problemática e discutem sobre os estudos na nutrição que expressam a hegemonia do paradigma biomédico que se manifestam nas práticas em saúde predominantes. Nesse sentido as autoras sinalizam a necessidade do diálogo entre o saber técnico e outras formas de conhecimento que abordam as experiências do sujeito no campo da Alimentação e Nutrição. Tais experiências, em quase todas as situações cotidianas, são condicionadas pela cultura, e conforme Alves (2010), *“a cultura é, antes de mais, o horizonte, a partir do qual os atores sociais se engajam praticamente no mundo”*. Sabe-se que a cultura determina o que é comestível e o que não é comestível e conforme Maciel (2001) estabelece prescrições e proibições alimentares. O comer não se restringe aqui ao simples ato de alimentar-se ou ingerir nutrientes ditos saudáveis. Falar de Alimentação Saudável associado à cultura torna-se fundamental, uma vez que, por mais que o indivíduo tenha adquirido na contemporaneidade autonomia de decisão e novos valores, a contribuição cultural proporciona o resgate do passado e se mescla com os conceitos de saúde do presente.

Palavras-chaves - Alimentação Saudável, Cultura alimentar, Guia Alimentar, Biomedicina.

Texto Completo

A alimentação saudável se reveste de um emaranhado de interferentes nada fácil de compreender e principalmente, no que se refere à prática, nada fácil de introjetar, especialmente quando se considera a questão cultural na inserção desta alimentação. O Guia Alimentar da População Brasileira, na sua perspectiva ampliada, mostra a complexidade em torno do alimento quando afirma que os mesmos

(...) têm gosto, cor, forma, aroma, textura e todos esses componentes precisam ser considerados na abordagem nutricional. Os nutrientes são importantes, contudo, os alimentos não podem ser resumidos a veículos deles, pois agregam significações culturais, comportamentais e afetivas singulares que jamais podem ser desprezadas. Portanto, o alimento como fonte de prazer e identidade cultural e familiar também é uma abordagem necessária para promoção da saúde (BRASIL, 2006).

As escolhas alimentares dos sujeitos na contemporaneidade tem sido o alvo de diversas discussões sendo apresentada como protagonista do processo de Transição Nutricional, caracterizado pela maior incidência das Doenças Crônicas não Transmissíveis (DCNTs). Estas modificações vêm resultando no crescente direcionamento das ações em saúde para o enfrentamento destas moléstias através da alimentação. Sobre essa temática, tem-se como marco as recomendações preconizadas pela OMS em 2004, com a Estratégia Global de Promoção da Alimentação Saudável, Atividade Física e Saúde. Para a implementação de tais recomendações no Brasil o Ministério da Saúde publicou, em 2006, o Guia Alimentar para População Brasileira, que apresenta diretrizes para orientar a população quanto às escolhas alimentares. Este guia aponta que uma alimentação saudável não deve ser vista como uma receita pré-concebida e universal, pois deve respeitar alguns atributos individuais e coletivos impossíveis de serem quantificados de maneira prescritiva. Sendo assim, uma vez que a alimentação se dá através do consumo de alimentos e não de nutrientes, uma alimentação saudável deve ser baseada em práticas que tenham significado social e cultural.

Considerando os aspectos acima colocados, o objetivo deste estudo consiste em intercambiar conceitos e teorizações que fomentam a discussão sobre Alimentação Saudável no que tange a ótica da cultura. Para tal utilizou-se como princípio metodológico a busca de referenciais teóricos sobre os temas “Cultura” e “Alimentação Saudável”. A análise e consequentes reflexões emergidas basearam-se em estudos sócio-antropológicos sobre o tema, tendo como pano de fundo as considerações quanto à cultura presentes no Guia Alimentar para a População Brasileira (GAPB).

No que concerne a cultura, este guia, em seus atributos especifica que

(...) as práticas alimentares **saudáveis** devem ter como enfoque prioritário o **resgate de hábitos alimentares regionais** inerentes ao consumo de alimentos, produzidos em nível local, **culturalmente referenciados** e de elevado valor nutritivo, como frutas, legumes e verduras, grãos integrais, leguminosas, sementes e castanhas, que devem ser consumidos a partir dos 6 meses de vida até a fase adulta e a velhice, considerando sua segurança sanitária. Não se pode esquecer de sempre considerar os aspectos comportamentais e afetivos relacionados às práticas alimentares.

Nesse contexto, os termos “saudáveis”, “resgate de hábitos alimentares regionais” e “culturalmente referenciados” são importantes a serem observados, uma vez que correlacionam temas que parecem distanciar-se tanto conceitualmente quanto das práticas alimentares contemporâneas.

A referência cultural aparece no GAPB em três dos seus princípios. O princípio do “referencial científico e a cultura alimentar” correlaciona a cultura e a ciência no saudável de maneira peculiar, quando mostra que os padrões de adequação e recomendações utilizadas neste guia são semelhantes àqueles utilizados tradicionalmente em muitas regiões do mundo que possuem uma cultura alimentar consolidada e onde as pessoas não convivem com situações de insegurança alimentar e nutricional. A princípio, essa correlação parece impositiva se for levada em consideração uma possível sobreposição cultural das regiões em segurança alimentar sobre as regiões em insegurança, entretanto, este princípio tem respaldo e fundamentação científica consolidada, não podendo, em hipótese alguma ser negligenciada a questão que envolve a saúde das pessoas.

Os princípios da “sustentabilidade ambiental” e do “alimento como referência” também abordam essa temática numa perspectiva diferenciada, porém aproximativa ao “resgate de hábitos alimentares regionais” e “culturalmente referenciados” anteriormente mencionados. O primeiro dar enfoque ao incentivo ao consumo de alimentos nas formas mais naturais e produzidos localmente e à valorização dos alimentos regionais e da produção familiar e da cultura alimentar, além de estimular mudanças de hábitos alimentares para a redução do risco de ocorrência de doenças, valoriza a produção e o processamento de alimentos com o uso de recursos e tecnologias ambientalmente sustentáveis. O segundo princípio preconiza que os alimentos encerram um sentido especial nos documentos nacionais, porque especificam o tipo dos alimentos e as refeições consumidos no país, enfatizando as práticas alimentares em nosso contexto cultural. Trata-se aqui, portanto da construção das recomendações considerando

como referência os alimentos uma vez que os nutrientes se afastam da percepção cotidiana da população.

Esta premissa se aproxima do pensamento de Fischler (2010) quando, o mesmo afirma que nós nos nutrimos também de imaginário e de significados, partilhando representações coletivas. O comer delimita as fronteiras de identidade entre os grupos sociais de uma cultura e de outra, mas também no interior de uma mesma cultura, entre os membros que a constituem. Dentro de uma mesma sociedade, a alimentação desenha distintos contornos dos grupos sociais, de forma que certo alimento pode ser atribuído a um grupo social e rejeitado por outro (Poulain, 2003 *apud* Grignon & Grignon, 1980; Lambert, 1987; Herpin, 1988; Poulain, 1998). Assim, os sujeitos são tradicionalmente marcados pelos traços alimentares identitários construídos ao longo da vida o que os fazem comungar socialmente. Geertz (1978) também afirma isso quando coloca que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu e a cultura são essas teias.

Por outro lado, sabe-se que o sujeito contemporâneo, em todo momento, agrega novos valores, inclusive certa autonomia diante de si, o que reflete em sua escolha alimentar. Sendo assim, o homem parece viver numa dualidade em relação as suas condutas e escolhas. Fernandes (1997) considera este aspecto quando afirma que o comportamento autônomo o introduz também num labirinto onde a liberdade vive a mistura com constrangimentos insuperáveis e inquietudes crescentes. Para o mesmo, a incerteza face ao presente, e nomeadamente ao futuro, ameaça o sentimento de autonomia exigido como condição da realização pessoal. O indivíduo parece, então, ficar entre a tradição e mudança o que confere a comensalidade características importantes, considerando aqui inclusive a alimentação saudável como prática presente na comensalidade da atualidade. Nessa perspectiva, um ponto importante a ser abordado é sinalizado por Santos (2008) quando esta coloca que o indivíduo do mundo contemporâneo consubstanciado, tem de um lado diferentes discursos alimentares, com as noções de risco e os imaginários sobre o comer e a comida, elementos que são intermediados pela mídia. De outro lado, tem cada vez mais acesso aos produtos alimentares patrocinados pela tecnologia e indústria e ainda difundidos pela publicidade alimentar – este último também contribui para a construção dos imaginários. Desta maneira, parece que só lhe resta uma única opção: fazer escolhas. E é com essas escolhas que os indivíduos materializam suas dietas alimentares.

Essa condição perturbadora de incerteza não atinge somente os leigos, mas também os especialistas e os cientistas, uma vez que a sociedade tornou-se mais reflexiva e crítica, segundo Azevedo (2008). Para a mesma autora, as incertezas teóricas são parte central da modernidade reflexiva e grande parte dos problemas de saúde atuais tem vínculo com a

nutrição. Ainda afirma que a alimentação, comumente vinculada à promoção de saúde, também se apresenta como um fator de risco e, tanto os riscos alimentares quanto o conceito de dieta saudável mudam em diferentes contextos históricos, a partir de diferentes formas de construção social. Essa dinâmica de conceitos atinge o cotidiano das pessoas deixando-as sobre as incertezas de tais informações. Sendo assim, a autora ratifica o pensamento de que o conceito de dieta saudável ainda não cabe em nenhum consenso científico como afirmado por Azevedo (2008) e, que na Ciência da Nutrição ainda há muitas controvérsias sobre o conceito da alimentação saudável, delineando a importância de mais estudos na área, que discutam com mais profundidade tal conceito, e que considerem também as perspectivas de sujeitos que vivenciam no dia-dia conflitos para atingir a “idealização” associada à alimentação saudável. Como dito, as novas campanhas do governo sobre a qualidade de vida em prol do combate as DCNTs estão cada vez mais presentes e ‘o comer’ sofre influência importante do discurso biomédico sobre essas patologias. Assim com as revistas, programas de televisão e outras muitas práticas ditas educativas, a comensalidade começa a sofrer influência do discurso hegemônico da alimentação saudável. Alves et. al. (2006), conta que os sujeitos, tanto individuais quanto coletivos, podem ser considerados como unidades de referência para a ação governamental, assistencial e educacional no campo da saúde e da alimentação por participação política ou da produção de saúde, através do cuidado consigo mesmo e com pessoas próximas. Entretanto, a reflexão fica sobre as trilhas as serem traçadas por esses sujeitos para tornarem-se unidades transformadoras, como a autora sugere.

Silva (2002), em sua pesquisa referente às concepções de profissionais de saúde da atenção básica sobre a alimentação saudável, informa que o conceito ideal da alimentação saudável que emerge desses profissionais é definido como uma condição alimentar que deve ser variada, balanceada e equilibrada com nutrientes; que ofereça benefícios à saúde para a adequação as necessidades nutricionais do indivíduo para um peso saudável e que tenha alimentos frescos naturais e integrais. Entretanto, todas essas regras da biomedicina são consideradas exteriores à realidade do usuário e, por isso, denominadas, pelos profissionais, como as condições ideais. A alimentação tida como saudável, neste caso, se distancia da realidade vivida pelo indivíduo numa dimensão quase que inatingível.

Uma segunda informação importante dessa pesquisa diz respeito a ênfase dada, pelos profissionais, a necessidade de nutrientes, configurando a importância de uma referência a estes no discurso biomédico como ícones simbólicos a serem associados à comida do dia-a-dia, mesmo que não se comam nutrientes. Para esta autora, as respostas se aproximam do senso comum, que transforma a comida cotidiana numa espécie de medicalização recorrente à

promoção da saúde. Essa representação ancorada no saber biomédico move o discurso desses profissionais e também interrompe uma maior compreensão da realidade dos usuários.

Em geral, os estudos na nutrição expressam a hegemonia do paradigma biomédico que, por sua vez, se manifesta nas práticas em saúde predominantes (Freitas et. al, 2011). Para esta autora, o caminho restrito adotado pela área acaba por criar-lhe armadilhas teóricas que influenciam a prática profissional o que oferece certa marginalização a dimensão do sujeito interferindo, muitas vezes, de maneira nociva, porém inocente nas condutas adotadas. Sobre a temática biomédica Poulain (2003) afirma que

(...) a estrutura biomédica vigente fere a ideia de que o espaço social alimentar assinala o vínculo entre o biológico e o antropológico em um grupo humano ao seu meio. Um modelo alimentar é um conjunto de conhecimentos que agrega múltiplas experiências realizadas sob a forma de acertos e de erros pela comunidade humana. Esse modelo apresenta-se sob a forma de uma admirável série de categorias encaixadas, sobrepostas, as quais são cotidianamente utilizadas pelos membros de uma sociedade, sem que os mesmos tenham verdadeiramente consciência, pois tal encadeamento ocorre de maneira implícita.

Como exemplo de armadilha teórica que fere a ideia do espaço social alimentar tem-se um fenômeno popularização de termos como “alimentação balanceada” que associam a mensuração e vigília constante da alimentação ingerida como forma de tornar esta alimentação mais saudável. Para Nascimento (2007), entre as mudanças mais significativas do conceito de alimentação saudável, estão os reflexos contagiantes das informações difundidas sobre obesidade e das DCNTs, sendo esses sujeitos, conseqüentemente, os mais atingidos. Destas informações destacam-se a redução da quantidade de comida, a rejeição a ingredientes que engordam como farinha e gordura animal. Nesse mesmo olhar, Canesqui (2007) critica a relação médico paciente colocando que, o êxito da medicina requer a negociação (geralmente unilateral) dos médicos com os pacientes, apostas na educação dos pacientes para “corrigir distorções” (cujo parâmetro é o modelo biomédico).

Giddens (1993) relata que a natureza das instituições modernas está profundamente ligada ao mecanismo da confiança em sistemas abstratos. Como peritos desses sistemas estão uma gama de profissionais das mais variadas áreas, incluindo a saúde. Existe, portanto, no mundo moderno uma maior confiança estabelecida entre os atores (sujeitos) e os sistemas abstratos estabelecidos. Dentro deles são postas relações entre os mesmos, os peritos e a confiabilidade da pericia, as quais perpetuam esta confiança uma vez que, os mesmos têm responsabilidades

e utilizam de mecanismos que configuram esta confiança. Assim, os sujeitos estão submetidos e confiam no modelo biomédica imposto sofrendo obviamente as consequências do mesmo. Nessa perspectiva esse modelo parece incapaz de tratar da alimentação saudável uma vez que não consideram os parâmetros da subjetividade sendo estes essenciais para tal prática.

Considerando tal subjetividade Valente (2002) relata ao alimentar-se junto de amigos, de sua família, comendo pratos característicos de sua infância, de sua cultura, o indivíduo se renova em outros níveis além do físico, fortalecendo sua saúde física e mental e também sua dignidade humana. Abre a indagação sobre o que seria, de fato, uma alimentação saudável? O conceito sobre alimentação saudável é diverso se considerarmos os sujeito que as conceitua. Sobre esta percepção, Azevedo (2008), coloca que há uma tendência da população de considerar uma dieta saudável aquela que inclui alimentos *light* e *diet*; com baixa densidade energética; restrita em gordura e proteína de origem animal, sal e açúcar; rica em frutas, verduras e alimentos funcionais e complementos à base de fibras e micronutrientes o que se associa a abordagem energético-quantitativa, e acompanha as modificações no estilo de vida moderno e urbano associado ao alto consumo de fumo e álcool, ao aumento do sedentarismo e do estresse. Basta saber como esse entendimento é levado a prática real externalizada através da comensalidade dos sujeitos.

O discurso biomédico da alimentação saudável difere da percepção que diferentes indivíduos têm das práticas de alimentação saudável, os quais dependem dos signos dados por estes. Ainda assim é importante considerar que mesmo que a modificação dos signos se faça presente, outros fatores interferem na efetiva mudança de ação dos indivíduos. Aspectos esses de cunho social, econômico e culturais. Sobre esta mudança, Freitas (2011) explica:

A mudança de hábitos prejudiciais a saúde (...) implica em apreender outras atitudes que estão nas relações sociais que envolvem o comer. Significa, então, reunir signos do mesmo universo semântico das cenas domésticas com os mesmos personagens e construir um novo sentido de vivenciar o comer: Ou, ainda, construir uma superposição de referências para o corpo pela necessidade de cuidar-se para finalmente habituar-se ao cuidado si (e com o outro).

Para Canesqui (2005) a experiência, as informações, o gosto, a imagem, entre outros elementos, conjugam-se para construir representações sociais, móveis, cambiáveis para adequar-se a situações, para fornecer explicações causais, constituindo-se, dessa forma, num arcabouço flexível que orienta o comportamento alimentar. Os aspectos da cultura podem ser conhecidos na observância da dinâmica de uma intersubjetividade capaz de mostrar as

diferentes percepções emergentes sobre o tema segurança alimentar em seus contextos situacionais (FREITAS, 2007).

Um dos aspectos de grande relevância na interpretação conceitual sobre Alimentação Saudável pode está relacionado ao desprezo dado a questão cultural. O setor saúde tem ciência sobre a temática como aparece em alguns trechos do Guia: “*O que se denomina alimentação saudável pode adquirir muitos significados dependendo do país ou região de um mesmo país, cultura e época*” (Brasil, 2006, p. 41). Freitas, Minayo e Fontes (2011) fazem referência a essa problemática e discutem sobre os estudos na nutrição que expressam a hegemonia do paradigma biomédico que se manifestam nas práticas em saúde predominantes. Nesse sentido as autoras sinalizam a necessidade do diálogo entre o saber técnico e outras formas de conhecimento que abordam as experiências do sujeito no campo da Alimentação e Nutrição. Tais experiências, em quase todas as situações cotidianas, são condicionadas pela cultura, e conforme Alves (2010), “*a cultura é, antes de mais, o horizonte, a partir do qual as atores sociais se engajam praticamente no mundo*”. Sabe-se que a cultura determina o que é comestível e o que não é comestível e conforme Maciel (2001) estabelece prescrições e proibições alimentares. O comer não se restringe aqui ao simples ato de alimentar-se ou ingerir nutrientes ditos saudáveis. Alves (2007) et. al. ao citar Garcia (1997) e Poulain (2003) afirma que os aspectos subjetivos, como a escolha de com quem se come, os significados atribuídos aos alimentos e às refeições e a influência do grupo no campo das escolhas individuais podem agregar sentidos à promoção da alimentação saudável. Numa visão positiva, a mesma, acredita que os núcleos simbólicos que estruturam práticas sociais, como a alimentação, podem ser utilizados para compreender o comportamento alimentar e os elementos que conduzem à sua manutenção ou modificação. Neste sentido a cultura ajuda a compreender as práticas em torno da alimentação saudável e torna-se, portanto, imprescindíveis. Falar de Alimentação Saudável associado à cultura torna-se fundamental, uma vez que, por mais que o indivíduo tenha adquirido na contemporaneidade autonomia de decisão e novos valores, a contribuição cultural proporciona o resgate do passado e se mescla com os conceitos de saúde do presente.

Referências

ALVES, H. J. BOOG, M. C. F. Comportamento alimentarem moradia estudantil: um espaço para promoção da saúde. **Rev. Saúde Pública**. 2007; 41(2): 197-204.

ALVES, Paulo César. Origens e Constituição Científica da Cultura. In: _____ (org.). **Cultura: múltiplas leituras**. Bauru: EDUSC; Salvador: EDUFBA, 2010.

AZEVEDO, E. Reflexões sobre riscos e o papel da ciência na construção do conceito de alimentação saudável. **Revista de Nutrição**, v.21, n.6, p.717-723, Campinas, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia Alimentar para a População Brasileira**. 2006. Disponível em: <http://nutricao.saude.gov.br/publicacoes.php>. Acessado em 20 de Janeiro de 2012.

CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D. **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

CANESQUI, A. M. (org.) **Olhares socioantropológicos sobre os adoecidos crônicos**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2007.

FISCHLER, Claude; MASSON, Estelle. **COMER: A alimentação de franceses, outros europeus e americanos**. Tradução de Ana Luiza Ramazzina Guirardi; São Paulo: Editora SENAC, 2010.

FREITAS, M. C. S.; PENA, P. G. L. Segurança alimentar e nutricional: a produção do conhecimento com ênfase nos aspectos da cultura. **Revista de Nutrição**, vol. 20, n. 1, Campinas, Jan.- Fev. 2007.

FREITAS, M. C. S; PENA, P. G. L; FONTES, G. A. V.; SILVA, D. O. Hábitos alimentares e os sentidos do comer. In: DIEZ-GARCIA, R. W.; CERVATO-MANCUSO, A. M. **Nutrição e Metabolismo: Mudanças alimentares e educação nutricional**. Guanabara Koogan: Rio de Janeiro: 2011.

FREITAS, M.C. S; MINAYO, M.C.S.; FONTES, G.A.V. Sobre o campo da Alimentação e Nutrição na perspectiva das teorias compreensivas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n.1, 2011.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. RJ: Zahar Editores, 1978. Reedição: Rio de Janeiro, LTC Editora, 1989.

MACIEL, M. E. Cultura e Alimentação ou O que têm a ver os macaquinhos de Koshima com Brillat-Savarin? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 7, n. 16, 2001.

NASCIMENTO, Angelina Bulcão. Comida - Prazeres, Gozos e transgressões. 2º Ed. Salvador: Editora EDUFBA, 2007.

POULAIN, JEAN-PIERRE; PROENÇA, ROSANA PACHECO DA COSTA. **O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares.** Revista de Nutrição, Campinas, 16(3):245-256, jul./set., 2003.

VALENTE, F.L.S. **Segurança Alimentar e Nutricional: transformando natureza em gente.** In: VALENTE, F. L. S. Direito Humano à Alimentação – desafios e conquistas. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2002.